LIVROS INFANTO-JUVENIS: TRADUZIR PARA QUEM?

Adriana Maximino dos Santos¹
Manuela Acássia Accácio²

Vários aspectos entram em jogo quando conceitos relacionados à infância e à criança são discutidos. Os estudos de Ariès (1981) revelam que essas concepções mudaram conforme as sociedades se alteravam. Elas se desdobraram da visão da criança como um adulto apto ao trabalho, passando pelo rigor na educação familiar e no sistema educacional, culminando na intenção de garantia de proteção e manutenção dos direitos das crianças e adolescentes, principalmente nos países desenvolvidos. Logo, segundo o autor, a concepção de criança foi construída historicamente pela sociedade, não sendo, portanto, estática e nem autônoma (SHAVIT, 1986). A saber, tal aceção está constantemente se alterando e se formando a partir de novas formas de pensar do adulto e de cada país (Ibid.).

Um dos meios que possibilita notar a mudança na forma de conceituação da criança e da infância é a literatura. Isso porque, a noção de criança e infância serve como base para a produção de livros para crianças, e conseqüentemente de uma literatura para elas (SHAVIT, 1986).

Esta noção, conforme exposto por Shavit, varia de uma sociedade para outra e de período. É o que afirma também Caldin (2001: 35), segundo a qual antes do Romantismo a literatura para crianças “se encontrava mesclada com a Literatura para adultos”. Antes deste período, a literatura voltada a este público era mais didática sem preocupação em ser atraente e lúdica, reforçando o conceito de é necessário “dirigir e controlar a adaptação do indivíduo ao meio para que a vida social tenha assegurada a estabilidade e a harmonia” (ZILBERMAN, 1984: 42).

Com o impulso do Iluminismo, a literatura não estava mais preocupada apenas com a questão moralizante, mas também com o conhecimento cognitivo (ZILBERMAN, 1984), adicionando o didatismo aos textos. Ao contrário do que se acreditava anteriormente, os valores morais resultariam agora mais do conhecimento científico do que via religião (Ibid.).

Com a evolução das concepções, a produção literária não passa apenas a direcionar a criança para o futuro social, mas também a lidar com as suas necessidades momentâneas. Com a depressão econômica na década de 40, por exemplo, criaram-se heróis, como o Super

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

² Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Homem (CALDIN, 2001), o qual poderia salvar e proteger os habitantes da terra. Os livros dotados de realidade e fantasia e aventura resultaram então desta necessidade de satisfazer os desejos das crianças (e talvez do mundo).

Caldin acrescenta que no Brasil, por exemplo, a partir da década de 80, a literatura infantil passou a ser mais crítica e questionadora, ilustrando “os conflitos entre a criança e o mundo, o lúdico foi valorizado, e a ilustração ganhou o mesmo espaço que a escritura” (Ibid.: 37). Deste modo, atingimos um estágio de que a literatura infantil (e a nosso ver também a juvenil) é formativa, informativa, estética e cultural (CALDIN, 2001).

Talvez por atualmente abarcar tantos temas e funções comunicativas (representativa, expressiva, apelativa e fática), a literatura infantil e juvenil (LIJ) vem sendo lida por adultos também. Essa capacidade da LIJ é defendida igualmente por Williams & Chesterman (2002: 12), segundo os quais ela compreende “entretenimento, socialização, desenvolvimento da linguagem, assim como educação em geral”³. Além disso, para os autores, ela tende hoje a abarcar vários gêneros, poemas, contos, ficção e textos científicos.

Retomando a questão do adulto como leitor de LIJ, Shavit (1999) afirma ser uma característica de muitos livros de LIJ, apresentar duplicidade de leitores:

Por definição, literatura infanto-juvenil se direciona à criança, mas sempre e sem exceção, a literatura infanto-juvenil tem um destinatário adicional – o adulto, que funciona tanto como um destinatário passivo ou ativo de textos escritos para crianças⁴ (SHAVIT, 1999: 83).

Neste sentido, segundo Shavit (1999), o adulto pode se situar também como segundo leitor, quando compartilha a leitura dos livros infanto-juvenis, ou porque ele lê para os filhos, ou ainda porque os livros o agradam. No último caso, como são livros lidos tanto por crianças como por adultos, eles têm adquirido popularmente a denominação de “literatura de toda a idade”⁵. Em virtude disso, os livros são constituídos de uma ambivalência, como explica Fernandes (2004: 10): “estes textos pertencem simultaneamente ao sistema literário da criança e do adulto, pois podem ser lidos diferentemente nestes dois sistemas”⁶. Isso ocorre tanto em

³ “[...] entertainment, socialization, language development as well as general education” (WILLIAMS & CHESTERMAN, 2002: 12).

⁴ “By definition, children’s literature addresses children, but always and without exception, children’s literature has an additional addressee – the adult, who functions as either a passive or an active addressee of texts written for children” (SHAVIT, 1999: 83).

⁵ “All age literature” (Literatura de toda a idade). LUGÃO, Juliana. Nem só de contos de fada vive uma biblioteca infantil. Deutsche Welle. Disponível em: <<http://www.dw-world.de/dw/article/0,2144,2384954,00.html>>. Acesso em: 04 maio 2010.

⁶ “These texts belong simultaneously to the adult and child literary systems as they are read differently in these two systems” (FERNANDES, 2004: 10).

nível de temática, de estruturação dos elementos narrativos, como de linguagem, de acordo com Shavit (1981).

Embora Shavit (1981) considere o fenômeno de ambivalência algo já existente em contos como nos de Perrault, outros estudiosos afirmam ser uma tendência mais atual da LIJ. Isso pode ser deduzido, por exemplo, de alguns aspectos da LIJ nas décadas de 70 e 80, levantados por Lajolo & Zilberman em 1984 e retomados por Turchi (2008). As pesquisadoras citam cinco aspectos que podem ser notados em livros brasileiros, cujas mudanças envolvem tema, mundo representado, personagens, leitor ativo, novos gêneros, projeto gráfico e a forma de narrar (inclui-se aí o emprego de metalinguagem e intertextualidade).

Alguns destes pontos são observados também por Kümmerling-Meibauer (2007), mas em contexto literário alemão. A autora considera neste caso a presença de formas narrativas diversas dentro da LIJ como um procedimento de escritura denominada *crosswriting*, isto é, que pode ser recepcionada por crianças e adultos.

O *crosswriting* estaria sendo, conforme Santos (2010), utilizado na atualidade “por refletir uma nova visão de infância e criança”, de modo que a criança e o jovem são considerados ativos no mundo adulto diminuindo possíveis “amenizações” e “censuras” (Ibid.). Este fenômeno abarca, segundo Kümmerling-Meibauer (2007 apud SANTOS, 2010):

[...] gêneros compostos, desvios de ordem linear e cronológica, fragmentação e lacunas, ausência de fechamento, ironia, intertextualidade – transgride as demarcações tradicionais separando a literatura infanto-juvenil da literatura de adulto.

Podemos ver, portanto, que Kümmerling-Meibauer cita, em especial, aspectos de ordem estilística, algo semelhante defende a pesquisadora em LIJ Joosen (2006), segundo a qual, esta transgressão se dá em nível conteudístico (temas que antes eram tabus) e também no estilístico. É devido ao cruzamento entre estilística, conteúdo e aspectos gráficos, que fica complicado conceituar LIJ (Cf. TURCHI, 2008). Disto resulta que alguns dos autores e estudiosos de LIJ também buscam não mais separar o mundo adulto do infanto-juvenil.

Tradução de LIJ

A diversidade de público se evidencia na recepção de obras estrangeiras. Muitos teóricos em Estudos da Tradução acentuam a necessidade em se delinear o receptor, como,

por exemplo, Oittinen (1998: 251): “A pergunta: para quem eu escrevo? é, sobretudo, relevante na tradução de literatura infanto-juvenil. A visão do grupo alvo é especialmente importante aqui. Traduzimos para os sentidos, para os olhos e ouvidos das crianças”⁷. No entanto, há contestações sobre considerar sistematicamente o receptor de LIJ:

[...] a questão crucial para os tradutores de livros infanto-juvenis não é (como a visão de Oittinen) para quem eles estão traduzindo. Assim, como os melhores autores, os melhores tradutores não escrevem conscientemente para as crianças. A escritura flui da criança dentro deles⁸ (COILLIE, 2006: 137).

Embora Coillie (2006) critique Oittinen (1998), ele acaba reforçando sua abordagem no que tange às imagens de criança do autor e do tradutor, as quais advêm de uma visão pessoal e também social (Ibid.). A criança que flui de dentro de ambos constitui uma pressuposição de ideia de criança. É importante ressaltar que normalmente livros são escritos a fim de serem vendidos para e lidos por um determinado público, entretanto, como discutido anteriormente existem livros que não se encaixam em um grupo receptor, mesmo em seu contexto de produção.

Ora, se o conceito de criança e jovem (no caso de LIJ) é aquele que considera os receptores no mesmo nível dos adultos, talvez ele se neutralize ou se altere durante a tradução. Isso porque o trabalho do tradutor passa ainda por outros processos de produção do livro, aos quais se soma também a noção de criança e jovem que cada um dos envolvidos possuem.

Desta forma, as concepções de leitor da LIJ são apenas visões que podem tanto coincidir quanto destoar da realidade. Assim como na produção do livro de LIJ, na tradução esta projeção interferirá em todo processo tradutório, desde a seleção de livros a serem traduzidos pelos editores até as escolhas das estratégias de tradução pelo tradutor (FERNANDES, 2004).

No caso da tradução de textos ambivalentes podem ocorrer problemas tradutórios, como a dificuldade de compreensão do texto, principalmente se o tradutor não observar o mecanismo de diálogo com vários públicos.

Textos ambivalentes

⁷ “Die Frage ‘Für wen schreibe ich?’ ist vor allem relevant bei der Übersetzung von Kinderliteratur”. Der Blick auf die Zielgruppe ist hier besonders wichtig. Wir übersetzen für die Sinne, für die Augen und Ohren der Kinder” (OITTINEN, 1998: 251).

⁸ “The crucial question for translators of children’s books is not (as Oittinen’s view) for whom they are translating. Just like the best authors, the best translators do not consciously write for children. Their writing flows from the child within themselves” (COILLIE, 2006: 137).

Entre alguns textos literários infanto-juvenis, cujo público é duplo, está a trilogia da escritora alemã Cornelia Funke. Em sua obra, a autora parece se dirigir a diferentes leitores seja na temática como nos recursos estilísticos (KEMPER, 2005). Deste modo, Funke se utiliza de intertextualidade explícita e implícita. Segundo Santos (2009), a explícita se refere ao intertexto, cuja origem é conhecida, já no caso da implícita, o autor não cita a fonte do intertexto.

Entre os intertextos explícitos estão as sessenta epígrafes que abrem cada capítulo do livro, e que são de livros de LIJ e adulta de vários países (Ibid.). Por exemplo, uma epígrafe na forma de um pequeno poema de Paul Celan (*Engführung*) abre o livro. Já a implícita temos, por exemplo, uma referência à *Tragédia de Almansor*, de Heinrich Heine. Ambos foram traduzidos no mesmo formato, no qual estão no texto. Isto significa que a tradutora, na maioria das vezes, não utilizou nenhum recurso metatextual, como notas de rodapé, como também não inseriu explicações ou ainda excluiu alguma parte do intertexto.

Em *Tintenherz*, a autora estava preocupada em materializar a história por meio do paratexto, fazendo a relação da história com o objeto físico. Não há a orientação para um leitor determinado nas ilustrações, isto é, não há elementos que permitam a identificação por parte de um público específico. Isto parece, como observa Santos (2009), ter sido alterado na tradução para o português, principalmente na disposição do paratexto (ilustração).

Outro ponto interessante em Funke é a preocupação em tornar seu livro leiturável, isto é, acessível linguística e tipograficamente, o que sugere, por exemplo, a possibilidade de ser lido por variados receptores. Entretanto, o grau de dificuldade do texto traduzido é considerado difícil, conforme pesquisa de Santos & Accácio (2010).

Considerações finais

Alguns autores de LIJ, como Funke, têm escrito temas comuns de literatura adulta que fazem uma excursão em discussões literárias mais detalhadas. Funke, por exemplo, tematiza com seu livro a prática da leitura como uma viagem aos clássicos da literatura mundial. Isso exige que o leitor conheça um leque de obras, para que possa entender também as inferências do intertexto na obra.

Assim, por meio de um texto ambivalente, Funke possibilita que diversas faixas etárias consigam ler sua obra. Os adolescentes e as crianças podem fazer leitura da superfície do texto, por exemplo, enquanto os adultos ou leitores experientes podem ler de modo mais profundo. Uma das prováveis razões deste fenômeno se deve primeiramente ao conceito de

criança e infância que Funke possui. Isto pode ser observado pela afirmação da autora, a qual defende que crianças e adolescentes são capazes de lidar com situações mais complexas. Outro motivo pode advir de questões mercadológicas, já que este tipo de literatura ambivalente amplia o seu alcance ao público leitor.

Referências

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. [Tradução: Dora Flaksman]. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- CALDIN, Clarice F. *A poética da voz e da letra na literatura infantil*. 2001. 260 f. Dissertação (Mestrado em Literatura). UFSC, Florianópolis.
- COILLIE, J. V. 'Character Names in Translation'. In: *Children's Literature translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2006. p. 123 -138.
- FERNANDES, L. P. *Brazilian Practices of Translating Names in Children's Fantasy Literature: A Corpus-Based Study*. 2004. 270 f. Tese (Doutorado em Letras – Língua Inglesa). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- FUNKE, C. *Tintenherz*. Hamburg: Cessilie Dressler Verlag, 2003.
- JOOSEN, V. 'Breaking time to Postcards: How Aidan Chamber Goes (Or Does not Go) Dutch'. In: *Children's Literature Translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2006. p. 61 -78.
- KEMPER, N. *Intertextuality in Cornelias Funke Roman „Tintenherz“*. 2005. 91 p.
- Examensarbeit im Rahmen der ersten Staatsprüfung für das Lehramt für die Sekundärstufe I. Universität Siegen. Alemanha.
- KÜMMERLING-MEIBAUER, Bettina. 'Variety in genre and styles: tendencies in modern german-speaking children's literature'. In: *Bunyck*, 199 (2), p. 10-16, 2007. Disponível em: <www.franko.lviv.ua/faculty/inomov.new/english/119-2.doc>. Acesso em: 20 abr. 2010.
- OITTINEN, R. 'Kinderliteratur'. In: SNELL-HORNBY, Mary; et al. *Handbuch Translation*. Tübingen: Stauffenburg-Verlag, 1998. p. 250-253.
- SANTOS, Adriana Maximino dos. *Intertextualidades em tradução: no romance infanto-juvenil Tintenherz*. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). UFSC, Florianópolis.
- _____. *O livro juvenil alemão: de Cornelia Funke a Walter Moers*. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS, I, 2010, Maringá. Anais (No prelo).
- SANTOS, Adriana M. dos; ACCÁCIO, Manuela A. 'Best-sellers em LIJ - qual a razão do êxito?'. In: *Via Litterae*, 2010 (No prelo).
- SHAVIT, Zohar. *Poetics of Children's Literature*. Atenas/Londres: The University of Georgia Press, 1986. Disponível em: <<http://www.tau.ac.il/~zshavit/pocl/contents.html>>. Acesso em: 4 mai. 2010.
- _____. 'The Ambivalent Status of Texts - A Rejoinder'. In: *Poetics Today*, 2:1b, Winter 1980-81, p. 199-202.

_____. 'The Double Attribution of Texts for Children and How It Affects Writing for Children'. In: BECKETT, Sandra L. *Transcending Boundaries: Writing for a Dual Audience of Children and Adults*. Garland: New York & London, 1999. p. 83-98.

TURCHI, Maria Z. *Tendências atuais da literatura infantil brasileira*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC, XI, 2008, São Paulo. Disponível em: <www.abralic.org/anais/cong2008/.../pdf/.../MARIA_TURCHI.pdf>. Acesso em: 4 maio de 2010.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. *The map. A beginner's guide to doing research in translations studies*. Manchester: St. Jerome, 2002.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. São Paulo: Ática, 1984.